

## 4. SORORIDADE: SOLIDARIEDADE POLÍTICA ENTRE MULHERES

As mulheres são o grupo mais vitimizado pela opressão sexista. Tal como acontece noutras formas de opressão de grupos, o sexismo é perpetuado pelas estruturas institucionais e sociais; pelos indivíduos que dominam, exploram e oprimem; e pelas vítimas em si, que são ensinadas pela sociedade a comportarem-se como cúmplices do *status quo*. A ideologia da supremacia masculina encoraja as mulheres a acreditarem que não têm qualquer valor e que só obterão valor ao relacionarem-se com os homens ou ao unirem-se a estes. Ensinam-nos que a nossa relação umas com as outras desvaloriza a nossa experiência, em vez de a enriquecer. Ensinam-nos que as mulheres são inimigas "por natureza", que nunca existirá solidariedade entre nós, pois não conseguimos, não devemos unir-nos umas às outras, nem o fazemos. Aprendemos bem estas lições. Se queremos construir um movimento feminista duradouro, temos de as desaprender. Temos de aprender a viver e trabalhar em solidariedade. Temos de aprender o verdadeiro significado e valor da Sororidade.

Embora o movimento feminista contemporâneo devesse ter criado um campo de treino onde as mulheres pudessem aprender o que é a solidariedade política, a Sororidade não era vista como uma conquista revolucionária pela qual as mulheres fossem trabalhar e lutar. A visão de Sororidade invocada por aqueles que defendiam a libertação das mulheres baseou-se na ideia de "opressão comum". Desnecessário será dizer que as primeiras a professarem a sua crença na noção de opressão comum foram as mulheres burguesas brancas, tanto de perspetivas liberais como de radicais. A ideia de "opressão comum" era um programa falso e corrupto que mascarava e confundia a verdadeira natureza da realidade social variada e complexa das mulheres. As mulheres estão divididas devido às atitudes sexistas, ao racismo, ao privilégio de classes, e guardam em si muitos outros preconceitos. A união contínua da mulher só ocorrerá quando estas divisões forem confrontadas e forem tomadas as medidas necessárias para as eliminar. As divisões não serão eliminadas por um desejo ou um sonho romântico de opressão comum, apesar do valor das experiências que todas as mulheres partilham.

Nos últimos anos, a "Sororidade" como *slogan*, lema ou grito de guerra já não desperta o espírito de poder da unidade. Algumas feministas acreditam que a unidade entre as mulheres é impossível tendo em conta as nossas diferenças. A renúncia da ideia de Sororidade como expressão de solidariedade política enfraquece e desvaloriza o movimento feminista. A solidariedade reforça a luta pela resistência. Não pode existir um movimento feminista pelo fim da opressão sexista baseado nas massas sem que exista uma frente unida – as mulheres têm de tomar a iniciativa e mostrar o poder da

solidariedade. Se não demonstrarmos que é possível eliminar as barreiras que separam as mulheres e que pode existir solidariedade, não podemos esperar que ocorra uma mudança ou uma transformação na sociedade como um todo. O afastamento do destaque dado à Sororidade ocorreu porque muitas mulheres, indignadas com a insistência na "opressão comum", na identidade partilhada, na uniformidade, criticaram ou desvalorizaram o movimento feminista em geral. O destaque dado à Sororidade era visto, muitas vezes, como um apelo emocional para encobrir o oportunismo das mulheres brancas burguesas manipuladoras. Era um disfarce para esconder o facto de muitas mulheres explorarem e oprimirem outras mulheres. A ativista negra Florynce Kennedy escreveu um artigo, publicado na antologia *Sisterhood is Powerful*, exprimindo a sua dúvida acerca da existência de solidariedade entre mulheres já em 1970:

É por esta razão que tenho alguma dificuldade com a mística da sororidade: "Somos irmãs", "Não critiques uma "irmã" publicamente", etc. Quando uma juíza pergunta à minha cliente onde estão as nódoas negras quando esta se queixa de ter sido agredida pelo marido (como fez a juíza do Tribunal de Família Sylvia Jaffin Liese) e faz observações astutas acerca do seu excesso de peso, e quando outra juíza é tão hostil que se desqualifica a ela mesma, mas se recusa a ordenar que o marido agressivo saia de casa (apesar de este ter uma propriedade num outro lugar com um alojamento adequado), estas juízas não são minhas irmãs.

As mulheres foram prudentes ao rejeitarem uma falsa Sororidade que se baseava em ideias de união superficiais. Estamos erradas se permitimos estas distorções ou se permitimos que as mulheres que as criaram (muitas das quais agora nos dizem que a união entre mulheres não é importante) nos levem a desvalorizar a Sororidade. (Nas primeiras obras feministas contemporâneas (ex.: Redstockings *Manifesto*) era invocada uma imagem das mulheres como vítima. O estudo de Joan Cassell sobre a sororidade e o simbolismo no movimento feminista, *A Group Called Women*, analisa a ideologia da união entre as ativistas feministas. Escritoras contemporâneas como Leah Fritz invocaram uma imagem da mulher como vítima para encorajar as mulheres a unirem-se. Barbara Smith debate esta tendência na sua introdução de *Home Girls*.)

As mulheres ficam a ganhar quando se unem umas às outras, mas não conseguem desenvolver laços sustentáveis ou solidariedade política se utilizarem o modelo de Sororidade criado pelas mulheres burguesas que defendem a libertação. Segundo a sua análise, o fundamento para a união era a vitimização partilhada, daí o destaque dado à opressão comum. Este conceito de união reflete diretamente o pensamento da supremacia masculina. A ideologia sexista ensina às mulheres que ser mulher é ser vítima. Em vez de repudiarem esta ideia (que confunde a experiência feminina – no seu dia-a-dia, nem todas as mulheres são continuamente "vítimas" passivas, indefesas e impotentes), as mulheres liberais abraçam-na, transformando a vitimização partilhada num fundamento para a união das mulheres. Isto significava que as mulheres tinham de se considerar "vítimas" para sentirem que o movimento feminista era relevante nas suas vidas. Ao unirem-se

como vítimas, criaram uma situação na qual as mulheres assertivas e que se valorizam eram vistas, muitas vezes, como não tendo lugar no movimento feminista. Foi este raciocínio que levou as ativistas brancas (juntamente com os homens negros) a sugerir que as mulheres negras eram tão "fortes" que não precisavam de ser ativas no movimento feminista. Foi este raciocínio que levou muitas ativistas brancas a abandonar o movimento feminista quando já não aceitavam a identidade de vítima. Ironicamente, as mulheres que estavam mais interessadas em ser vistas como "vítimas", que frisavam predominantemente o papel de vítima, tinham mais privilégios e mais poder do que a grande maioria das mulheres na nossa sociedade. Um exemplo desta tendência são as obras sobre violência contra as mulheres. As mulheres que são exploradas e oprimidas diariamente não podem deixar de acreditar que exercem um grau de controlo, por mais relativo que seja, sobre as suas vidas. Não se podem dar ao luxo de se considerarem unicamente "vítimas", pois a sua sobrevivência depende do exercício contínuo de qualquer poder pessoal que possuam. Seria psicologicamente desmoralizante para estas mulheres unirem-se a outras mulheres com base na vitimização partilhada. Unem-se a outras mulheres com base nos seus pontos fortes e nos seus recursos. É isto que o movimento feminista pela união das mulheres deve encorajar. Este tipo de união é a essência da Sororidade.

As mulheres brancas que defendiam a libertação e se uniam como "vítimas" não tinham de assumir responsabilidade por confrontarem a complexidade das suas próprias experiências. Não se desafiavam umas às outras a examinarem as suas atitudes sexistas em relação às mulheres diferentes delas ou a explorarem o impacto do privilégio de raça e de classe nas suas relações para com as mulheres externas aos seus grupos de raça e de classe. Ao identificarem-se como "vítimas", podiam abdicar da responsabilidade que tiveram na preservação e na perpetuação do sexismo, do racismo e do classismo, o que fizeram ao insistirem que os homens eram o único inimigo. Não reconheceram, nem confrontaram, o inimigo interno. Não estavam preparadas para renunciar aos privilégios e para fazer o "trabalho sujo" (a luta e o confronto necessários para construir uma consciência política, bem como as várias tarefas entediantes que devem ser cumpridas na organização do dia-a-dia) necessário para o desenvolvimento da sensibilização política radical. A primeira tarefa era fazer uma crítica e uma avaliação honestas dos seus estatutos sociais, dos seus valores, das suas crenças políticas, etc. As ativistas tentavam evitar a autoconsciência. A Sororidade tornou-se mais um escudo contra a realidade, outro sistema de apoio. A versão de Sororidade das mulheres brancas foi fundamentada nos pressupostos racistas e classistas da condição das mulheres brancas, de que a "senhora" branca (ou seja, a mulher burguesa) deveria ser protegida de tudo o que a perturbasse ou incomodasse e deveria ser defendida das realidades negativas que levassem ao confronto. A sua versão de Sororidade ditava que as irmãs tinham de se amar "incondicionalmente"; que deveriam evitar o conflito e minimizar o desacordo; que não se deveriam criticar umas às outras, especialmente em público. Durante algum tempo, estes mandatos criaram uma ilusão de unidade que suprimia a competição, a hostilidade, o desacordo permanente e a crítica abusiva que, muitas vezes, constituíam a norma nos grupos feministas. Hoje em dia, muitos grupos dissidentes que partilham identidades comuns (por exemplo, a

classe trabalhadora WASP<sup>8</sup>; as mulheres brancas académicas; as feministas anarquistas, etc.) utilizam este exemplo de Sororidade, mas as participantes destes grupos esforçam-se por se apoiar, se afirmar e se proteger umas às outras, demonstrando, ao mesmo tempo, hostilidade (geralmente, através da crítica abusiva excessiva) para com as mulheres externas a uma determinada esfera. A união dentro de um determinado círculo de mulheres que fortalecem os seus laços através da exclusão e da desvalorização das mulheres externas ao seu grupo assemelha-se bastante ao tipo de união pessoal entre mulheres que sempre ocorreu sob o patriarcado: a única diferença é o interesse no feminismo.

No início do movimento feminista, eu (e muitas outras mulheres negras) ouvimos, frequentemente, as mulheres brancas nos seminários do Estudos sobre as Mulheres, em grupos de sensibilização, em encontros, etc. responderem a perguntas sobre a falta de participação de mulheres negras, destacando que não estava relacionado com os problemas estruturais do movimento feminista, antes que era uma indicação de que as mulheres negras já haviam atingido a libertação. Era invocada a imagem de uma mulher negra "forte", em diversas obras de ativistas brancas (ex.: *Personal Politics*, de Sara Evans; *Woman's Legacy*, de Bettina Aptheker).

Para que a solidariedade política entre as mulheres seja desenvolvida, as ativistas feministas não se podem unir segundo os termos criados pela ideologia dominante da cultura. Temos de definir os nossos próprios termos. Em vez de nos unirmos com base na vitimização partilhada ou como resposta a um falso inimigo comum, temos de nos unir com base no nosso compromisso político para com o movimento feminista, cujo objetivo é acabar com a opressão sexista. Com este compromisso, as nossas energias não se concentrariam na questão da igualdade relativamente aos homens ou unicamente na resistência ao domínio masculino. Deixaríamos de aceitar a estrutura simplista da opressão sexista: raparigas boas/ rapazes maus. Antes de podermos resistir ao domínio masculino, temos de romper o nosso vínculo com o sexismo; temos de lutar pela transformação da consciência feminina. Trabalhando em conjunto para expor, examinar e eliminar a sociabilização sexista dentro de nós mesmas, as mulheres fortalecer-se-iam e afirmar-se-iam umas às outras e construiriam uma base sólida para o desenvolvimento de solidariedade política.

Entre as mulheres e os homens, o sexismo expressa-se, frequentemente, na forma de domínio masculino, o que leva à discriminação, à exploração e à opressão. Entre as mulheres, os valores da supremacia masculina expressam-se por meio de um comportamento desconfiado, defensivo e competitivo. É o sexismo que leva as mulheres a sentirem-se ameaçadas umas pelas outras sem razão. Embora o sexismo ensine as mulheres a serem objetos sexuais dos homens, também se manifesta quando as mulheres que já repudiaram este papel desdenham daquelas que ainda não o fizeram ou se sentem superiores. O sexismo leva as mulheres a desvalorizarem a educação dos filhos, enquanto inflaciona o emprego e a carreira. A aceitação da ideologia sexista é referida quando as

---

<sup>8</sup> Sigla da expressão inglesa *White Anglo-Saxon Protestant* (Protestante Anglo-Saxão Branco). Segundo o dicionário Merriam Webster, "um(a) americano/a de descendência do norte da Europa, sobretudo britânica e de origem protestante; *especialmente* : um membro da classe dominante e mais privilegiada nos Estado Unidos." (N. da T.)

mulheres ensinam às crianças que só existem dois padrões comportamentais possíveis: o papel de dominante ou de submisso. O sexismo ensina às mulheres o ódio para com as mulheres, e nós representamos este ódio, quer consciente quer inconscientemente, no contacto que temos diariamente umas com as outras.

Embora as ativistas feministas contemporâneas, especialmente as feministas radicais, tenham chamado a atenção para a absorção das mulheres na ideologia sexista, não salientaram a forma como as mulheres que defendem o patriarcado, bem como as mulheres que aceitam sem qualquer crítica os pressupostos sexistas, poderiam desaprender esta sociabilização. Frequentemente, assumia-se que apoiar o feminismo era sinónimo de repúdio de todas as formas de sexismo. Assumir o rótulo de "feminista" era aceite como um sinal de transformação pessoal; conseqüentemente, o processo de alteração dos valores era ignorado ou impossível de especificar, pois não havia ocorrido nenhuma mudança fundamental. Por vezes, os grupos de sensibilização proporcionavam às mulheres um espaço para explorarem o seu sexismo. A análise das atitudes para consigo mesmas e para com outras mulheres era, frequentemente, o catalisador da transformação. Através da descrição da função dos grupos de conversas, em *The Politics of Women's Liberation*, Jo Freeman explica:

As mulheres juntam-se em grupos pequenos e partilham experiências pessoais, problemas e sentimentos. A partir desta partilha pública, apercebem-se de que o que se pensava ser individual é, na verdade, comum: que o que se pensava ser um problema pessoal tem uma causa social e uma solução política. O grupo de conversa ataca os efeitos da opressão psicológica e ajuda as mulheres a colocarem-na no contexto feminista. As mulheres descobrem a forma como foram moldadas desde o nascimento pelas estruturas sociais e pelas atitudes e como estas limitaram as suas oportunidades. Verificam até que ponto as mulheres têm sido denegridas nesta sociedade e como se têm prejudicado a si próprias e a outras mulheres. Aprendem a desenvolver a sua autoestima e a apreciar o valor da solidariedade no grupo.

À medida que os grupos de sensibilização foram perdendo a sua popularidade, não foram formados novos grupos para cumprir as mesmas funções. As mulheres produziram uma grande quantidade de obras feministas, mas deram pouco destaque às várias formas de desaprender o sexismo.

Visto vivermos numa sociedade que promove o capricho e a adaptação superficial temporária de valores diferentes, facilmente nos convencemos de que ocorreram mudanças em contextos em que pouca ou nenhuma mudança ocorreu. Um desses contextos é a atitude sexista que as mulheres têm umas para com as outras. Por todos os Estados Unidos, as mulheres passam horas, diariamente, a abusar verbalmente outras mulheres, geralmente por intermédio de falatório malicioso (não confundir com falatório como comunicação positiva). As telenovelas e os dramas da televisão noturnos retratam constantemente a relação de-mulher-para-mulher como sendo agressiva, desdenhosa e competitiva. Nos círculos feministas, o sexismo para com as mulheres é expressado

através de críticas abusivas, desconsideração total e falta de preocupação ou interesse pelas mulheres que não aderiram ao movimento feminista. Isto é especialmente visível nas universidades, onde, frequentemente, os estudos feministas são considerados uma disciplina ou um programa que não tem qualquer relação com o movimento feminista. No seu discurso inaugural, em Barnard College, em maio de 1979, a escritora negra Toni Morrison expressou ao público:

Eu quero não pedir-vos, mas dizer-vos que não participem na opressão das vossas irmãs.

As mães que maltratam os filhos são mulheres, e outra mulher, não uma agência, tem de estar disposta a parar as mãos delas. As mães que incendeiam autocarros escolares são mulheres, e outra mulher, não uma agência, tem de estar disposta a parar as mãos delas.

As mulheres que põem termo à promoção de outras mulheres nas profissões são mulheres, e outra mulher tem de vir em auxílio da vítima. As assistentes sociais que humilham os seus clientes podem ser mulheres, e outras mulheres suas colegas têm de desviar a indignação delas.

Fico preocupada com a violência das mulheres umas para com as outras: violência profissional, violência competitiva, violência emocional. Fico preocupada com a vontade que as mulheres têm de escravizar outras mulheres. Fico preocupada com a crescente falta de decência no matadouro do mundo das mulheres que são profissionais.

Para construírem um movimento feminista politizado e baseado nas massas, as mulheres têm de trabalhar arduamente para ultrapassar a distanciação umas das outras, que ocorre quando a sociabilização sexista não é desaprendida, por exemplo, a homofobia, o julgamento baseado na aparência, os conflitos entre mulheres com práticas sexuais distintas. Até à data, o movimento feminista não transformou a relação mulher-mulher, especialmente entre as mulheres que não se conhecem ou que são de origens diferentes, apesar de ter existido ocasião para a união entre grupos de mulheres e mulheres individualmente. Se queremos desenvolver relações pessoais de afirmação, bem como de unidade política, temos de renovar os nossos esforços para ajudar as mulheres a desaprenderem o sexismo.

O racismo é outro obstáculo à solidariedade entre mulheres. A ideologia da Sororidade tal como foi expressa pelas ativistas feministas contemporâneas não indicou que o reconhecimento da discriminação, da exploração ou da opressão racista que as mulheres brancas fazem sobre as mulheres de várias etnias tivesse impossibilitado a partilha de interesses comuns ou preocupações políticas entre os dois grupos. Além disso, a existência de origens completamente diferentes pode dificultar a comunicação. Isto tem acontecido na relação entre mulheres negras e brancas. Historicamente, muitas mulheres negras experienciaram a supremacia branca vinda de mulheres brancas que exerciam o poder mais diretamente sobre elas, muitas vezes de forma mais brutal e desumana do que a dos homens brancos racistas. Hoje em dia, apesar de o domínio predominante ser por parte de patriarcas de supremacia branca, frequentemente, as mulheres negras trabalham em condições em que o supervisor acima delas, o seu chefe ou a figura de autoridade é

uma mulher branca. Conscientes dos privilégios que os homens brancos, bem como as mulheres brancas, adquirem como consequência do domínio racial, as mulheres negras reagiram rapidamente ao apelo das feministas à Sororidade, destacando esta contradição – de nos devermos juntar às mulheres que nos exploram para as ajudarmos a libertar-se. O apelo à Sororidade foi interpretado por muitas mulheres negras como um pedido de ajuda e de apoio a um movimento que não se direcionava a nós. Como Toni Morrison explica no seu artigo "What the Black Woman Thinks About Women's Lib", muitas mulheres negras não respeitam as mulheres brancas burguesas e não conseguem conceber apoiarem uma causa que seja para benefício delas.

As mulheres negras têm conseguido invejar as mulheres brancas (o seu aspeto, a sua vida facilitada, a atenção que aparentemente recebem dos seus maridos); têm conseguido temê-las (pelo controlo económico que têm sobre a vida das mulheres negras); e até amá-las (como só as amas e as trabalhadoras domésticas conseguem); mas para as mulheres negras tem sido impossível respeitar as mulheres brancas... As mulheres negras não têm qualquer admiração permanente pelas mulheres brancas como pessoas competentes e completas, quer seja por competirem com elas pelas poucas vagas profissionais existentes para as mulheres em geral, quer seja por arrastarem a sua sujidade de um lugar para o outro, elas têm-nas considerado crianças obstinadas, crianças bonitas, crianças más, mas nunca adultas reais, capazes de lidar com os problemas reais do mundo.

As mulheres brancas ignoravam os factos da vida – talvez por escolha própria ou talvez com o apoio dos homens, mas ignoravam de qualquer das maneiras. Eram totalmente dependentes do casamento ou do sustento masculino (emocional e económico). Encaravam a sua sexualidade com furtividade, abandono total ou repressão. Aquelas que tinham possibilidades passavam para outras a gestão da casa e a educação das crianças. (É algo divertido, mesmo hoje em dia, para as mulheres negras ouvirem as feministas falar de libertação enquanto a mulher negra, avó de alguém, tem a responsabilidade de educar as crianças e de limpar o chão, e a mulher libertada chega a casa, examina a limpeza da casa, corrige-a e entretém-se com as crianças). Se o Movimento de Libertação precisa destas avós para prosperar, então tem falhas graves.

Muitas mulheres consideravam que o movimento pela libertação das mulheres, tal como era descrito pelas mulheres brancas burguesas, atendia aos interesses delas à custa das mulheres mais pobres e das classes trabalhadoras, muitas das quais eram negras. Seguramente, este não era um fundamento para a Sororidade, e nós, as mulheres negras, teríamos sido politicamente ingénuas se nos tivéssemos juntado a este movimento. Contudo, dada a dificuldade que as mulheres negras tiveram, no passado e atualmente, em participar em organizações políticas, a ênfase poderia ter sido colocada no desenvolvimento e na clarificação do carácter da solidariedade política.

As mulheres brancas discriminam e exploram as mulheres negras e, ao mesmo tempo, sentem inveja e espírito competitivo nas suas interações com elas. Nenhum destes

processos de interação cria condições para o desenvolvimento de confiança e de relações mutuamente recíprocas. Após a construção de uma teoria feminista e de uma prática que omitem a ênfase no racismo, as mulheres brancas transferiram para outros a responsabilidade de chamar a atenção para a raça. Não tinham de tomar iniciativa nas discussões sobre o racismo ou o privilégio de raça, mas podiam ouvir e responder aos debates das mulheres não brancas sobre o racismo, sem terem de mudar de modo algum a estrutura do movimento feminista, sem perderem o seu domínio hegemônico. Podiam, então, mostrar a sua preocupação em ter mais mulheres de cor nas organizações feministas, encorajando uma maior participação. Elas não lutavam contra o racismo. Nos últimos anos, o racismo tornou-se um tópico aceito nas discussões feministas, não como resultado de uma chamada a atenção pelas mulheres negras (o que aconteceu logo no começo do movimento), mas como resultado da validação que as mulheres brancas deram a estas discussões, um processo que é um indicativo de como o racismo funciona. Gloria Joseph afirma, ao comentar esta tendência no seu ensaio "The Incompatible Ménage A Trois: Marxism, Feminism, and Racism":

Até à data, as feministas não demonstraram concretamente o potencial e a capacidade de se envolverem na luta contra o racismo do mesmo modo que se envolveram no sexismo. Um artigo recente de Adrienne Rich sobre o feminismo e o racismo é um exemplar de um destes tópicos. Ela reitera muito do que foi exprimido pelas escritoras negras, mas a aclamação dada ao seu artigo demonstra, novamente, que é necessário que os brancos validem os negros.

A ênfase que os círculos feministas colocam no racismo está diretamente relacionada com a estrutura "é assim" da teoria e da prática feminista. Como outros programas de ação afirmativa do patriarcado capitalista e de supremacia branca, os longos debates sobre o racismo ou sobre a falsa devoção dada à sua importância chamam a atenção para o que é "politicamente correto" no atual movimento feminista; não se direcionam para uma luta conjunta de resistência à opressão racista na nossa sociedade (não unicamente ao racismo no movimento feminista). Os debates sobre o racismo têm sido completamente sexistas, devido à ênfase na culpa e no comportamento pessoal. O racismo não é um problema simplesmente porque as ativistas brancas são racistas individualmente. Elas representam uma pequena percentagem das mulheres nesta sociedade. Elas poderiam ser todas antirracistas desde o início, mas, para que o racismo fosse eliminado, teria de ser uma questão central do feminismo. Fundamentalmente, o racismo é uma questão feminista, pois está muito interligado à opressão sexista. No ocidente, a origem filosófica da ideologia racista e sexista é semelhante. Apesar de os valores etnocêntricos brancos terem levado os teóricos feministas a justificarem a prioridade dada ao sexismo em detrimento do racismo, fazem-no para tentar criar uma ideia de cultura evolutiva, que não corresponde às experiências vividas. Nos Estados Unidos, a preservação da supremacia branca sempre foi uma grande, se não a maior, prioridade, maior do que a preservação da divisão restrita dos papéis baseados no sexo.\* Não é coincidência que o interesse pelos direitos das mulheres brancas se acenda sempre



que existe um protesto antirracista baseado nas massas. Até mesmo as pessoas mais ingênuas a nível político compreendem que um estado de supremacia branca, quando solicitado a responder às necessidades dos negros oprimidos e/ou às necessidades das mulheres brancas (especialmente as de classes burguesas), terá interesse em responder às mulheres brancas. O movimento radical pelo fim do racismo (uma luta por cujo avanço muitos morreram) é muito mais ameaçador do que o movimento das mulheres, formado para satisfazer as necessidades de classe das mulheres brancas que podem ascender socialmente.

O reconhecimento da importância da luta antirracista não desvaloriza o movimento feminista ou a necessidade deste. A teoria feminista teria muito para oferecer se apresentasse às mulheres a ligação imutável entre o racismo e o sexismo, em vez de opor uma luta à outra ou de descartar descaradamente o racismo. Uma questão central para as ativistas feministas tem sido a luta para que as mulheres tenham direito ao controlo sobre o seu corpo. O próprio conceito de supremacia branca depende da perpetuação da raça branca. É do interesse do contínuo domínio racista branco sobre o planeta que o patriarcado branco mantenha o controlo sobre os corpos das mulheres. Qualquer ativista branca que trabalhe diariamente para ajudar as mulheres a obterem o controlo sobre os seus corpos, mas que seja racista, invalida e prejudica o seu próprio esforço. Quando as mulheres brancas atacam a supremacia branca, estão simultaneamente a participar na luta pelo fim da opressão sexista. Isto é só um exemplo do carácter cruzado e complementar da opressão racista e sexista. Há muitos outros que necessitam de ser examinados pelas teóricas feministas.

O racismo permite que as mulheres brancas construam a teoria e a prática feminista de uma forma muito longe de parecer uma luta radical. A sociabilização racista ensina as mulheres brancas burguesas a pensar que, inevitavelmente, são mais capazes de liderar as massas de mulheres do que outros grupos de mulheres. Várias vezes, mostraram que não querem fazer parte do movimento feminista – querem liderá-lo. Apesar de, provavelmente, as mulheres brancas burguesas liberais saberem menos sobre a organização dos populares do que muitas mulheres pobres e das classes trabalhadoras, tinham a certeza de que conseguiam liderar, e estavam, também, confiantes de que o seu papel deveria ser um papel dominante na formação da teoria e da prática. O racismo ensina um sentido excessivo de importância e de valor, especialmente quando aliado ao privilégio de classe. A maioria das mulheres pobres e da classe trabalhadora ou mesmo das mulheres burguesas não brancas individualmente não assumiria que conseguia iniciar um movimento feminista sem primeiro contar com o apoio e a participação de mulheres de vários grupos. Elizabeth Spelman salienta o impacto do racismo, no seu ensaio "Theories of Race and Gender: The Erasure of Black Women":

Esta é uma sociedade racista, e isto significa, em parte, que, em geral, a autoestima dos brancos é amplamente influenciada pela sua diferença em relações aos negros e pela sua suposta superioridade sobre eles. Muitos brancos podem não se considerar racistas, pois não têm escravos ou não odeiam os negros, mas isso não significa que o que ampara a autoestima dos brancos não se baseie num racismo que distribui benefícios e encargos

injustamente por brancos e negros.

Uma das razões pelas quais as mulheres brancas ativas no movimento feminista estavam reticentes em lutar contra o racismo era o seu pressuposto arrogante de que a sua chamada de atenção para a Sororidade era um gesto não racista. Já ouvi de muitas mulheres brancas "queremos que as mulheres negras e outras mulheres não brancas se juntem ao movimento", completamente alheias à sua percepção de que "possuem" o movimento, de que são "anfitriãs" a fazer de nós "convidadas".

Apesar da ênfase colocada atualmente no fim do racismo no movimento feminista, a direção da teoria e da prática pouco mudou. Embora, neste momento, as ativistas brancas incluam obras de mulheres de cor nos planos de estudos ou contratem uma mulher de cor para dar aulas sobre o seu grupo étnico ou se certifiquem de que uma ou mais mulheres de cor estão representadas nas organizações feministas (apesar de a contribuição dada pelas mulheres de cor ser necessária e relevante), cada vez mais tentam esconder que não estão dispostas a abdicar do domínio hegemónico que têm sobre a teoria e a prática, domínio esse que não teria sido estabelecido se o estado não fosse capitalista e de supremacia branca. As suas tentativas de manipular as mulheres de cor, uma componente do processo de desumanização, nem sempre passam despercebidas. Na edição de julho de 1983 da revista *In These Times*, foi publicada uma carta escrita por Theresa Funciello sobre as mulheres pobres e o movimento das mulheres, que expõe a natureza do racismo dentro do movimento feminista:

Antes de uma conferência, há algum tempo, no Urban Woman, patrocinada pela sede de Nova Iorque da NOW<sup>9</sup>, recebi uma chamada de uma representante da NOW (de cujo nome não me recorde) pedindo-me uma oradora da Previdência Social com qualificações específicas. Pediram-me que não fosse branca – para que não fosse "demasiado eloquente" – (i.e., eu não poderia ser), que não fosse negra, pois poderia ser "demasiado indignada". Talvez pudesse ser porto-riquenha? Não deveria dizer nada político ou analítico, devia antes limitar-se ao tema "o que o movimento das mulheres fez por mim".

Funciello respondeu a esta situação organizando uma tomada de posse da conferência por mulheres multirraciais. É este tipo de ações que demonstra o espírito da Sororidade.

Outra resposta ao racismo têm sido os seminários para desaprender o racismo, que, com frequência, são liderados por mulheres brancas. Estes seminários são importantes, porém colocam a ênfase no reconhecimento psicológico individual catártico do preconceito pessoal, sem salientar a necessidade da existência de uma mudança no compromisso e na ação política. Uma mulher que frequente um seminário para

---

<sup>9</sup> Sigla da expressão inglesa *National Organization for Women* (Organização Nacional das Mulheres). É uma organização feminista americana fundada em 1966. A organização conta com 550 sedes em todos os 50 estados. (N. da T.)

desaprender o racismo e que aprenda a reconhecer que é racista não deixa de ser tão ameaçadora como uma que não reconhece. O reconhecimento do racismo é significativo quando leva a uma transformação. É necessário que haja mais pesquisa, mais escrita e mais implementação prática dos resultados sobre as formas de desaprender a sociabilização racista. Muitas mulheres brancas que diariamente exercem o privilégio de raça não têm consciência do que estão a fazer (o que explica a ênfase na confissão nestes seminários). Pois podem não compreender conscientemente a ideologia da supremacia e em que medida ela forma o seu comportamento e as suas atitudes para com as mulheres diferentes delas. Frequentemente, as mulheres brancas unem-se tendo por base a sua identidade racial partilhada, sem um conhecimento consciente da importância dos seus atos. Esta preservação e perpetuação inconsciente da supremacia branca é perigosa, pois nenhuma de nós pode lutar pela mudança das atitudes racistas se não reconhecermos que elas existem. Por exemplo, um grupo de ativistas feministas brancas que não se conhecem estão presentes numa reunião para debater a teoria feminista. Sentem que se uniram com base na condição partilhada de mulher, mas a atmosfera mudará visivelmente assim que uma mulher negra entrar na sala. As mulheres brancas ficarão tensas, deixarão de estar relaxadas e num ambiente comemorativo. Inconscientemente, elas sentem-se mais próximas umas das outras, pois partilham a mesma identidade racial. A "brancura" que as une é uma identidade racial que está diretamente relacionada com a sua experiência de que as mulheres não brancas são "outras" e são uma "ameaça". Muitas vezes, quando falo com mulheres brancas sobre a ligação racial, elas negam a sua existência; não é muito diferente de quando os homens sexistas negam o seu sexismo. Até a supremacia branca ser compreendida e atacada pelas mulheres brancas, não poderá haver união entre elas e os grupos de mulheres multiétnicos.

As mulheres saberão que as ativistas feministas brancas começaram a lutar contra o racismo de forma séria e revolucionária quando estas deixarem de reconhecer o racismo unicamente no movimento feminista ou de chamar a atenção para os preconceitos individuais e começarem a lutar ativamente pela resistência à opressão racista na nossa sociedade. As mulheres saberão que se comprometeram politicamente a eliminar o racismo assim que ajudarem a mudar o rumo do movimento feminista e assim que trabalharem para desaprender a sociabilização racista, antes de assumirem posições de liderança ou de formarem teorias ou contactarem as mulheres de cor para que estas não perpetuem ou preservem a opressão racial ou, consciente ou inconscientemente, maltratem ou magoem as mulheres não brancas. Estes são os gestos verdadeiramente radicais que criam uma base para a experiência de solidariedade política entre mulheres brancas e mulheres de cor.

As mulheres brancas não são o único grupo que tem de lutar contra o racismo para que surja uma Sororidade. Como mulheres de cor, temos de lutar contra a nossa absorção das crenças de supremacia branca, do nosso "racismo interiorizado", que nos leva a sentir ódio de nós mesmas, a descarregar umas nas outras a fúria e a indignação pela injustiça, em vez de descarregar nas forças opressivas, a magoar-nos e a maltratar-nos umas às outras, ou a induzir um grupo étnico a não se esforçar por comunicar com outro grupo. Muitas vezes, as mulheres de cor de diversos grupos étnicos têm vindo a guardar rancor e odiar-se umas às outras ou a competir umas com as outras. Muitas vezes, os grupos

asiáticos, latinos ou nativos americanos apercebem-se de que se podem unir às mulheres brancas se odiarem as negras. Em resposta, as mulheres negras perpetuam os estereótipos e retratos racistas destes grupos étnicos. Torna-se um círculo vicioso. As divisões que existem entre as mulheres de cor não serão eliminadas a não ser que assumamos a responsabilidade de nos unirmos (não só com base na resistência ao racismo) pela aprendizagem da nossa cultura, pela partilha de conhecimentos e capacidades e pela aquisição de força sustentada pela nossa diversidade. Precisamos de pesquisar e escrever mais sobre as barreiras que nos separam e sobre a forma como podemos superar esta separação. Frequentemente, os homens nos grupos étnicos têm maior contacto uns com os outros do que nós. Muitas vezes, nós, as mulheres, assumimos tantas responsabilidades domésticas e relacionadas com o trabalho que nos falta tempo ou não disponibilizamos o tempo para conhecermos as mulheres fora do nosso grupo ou da nossa comunidade. Por vezes, as diferenças linguísticas impossibilitam a nossa comunicação; podemos mudar isto ao encorajarmo-nos a aprender espanhol, inglês, japonês, chinês, etc.

Outro fator que torna a interação entre grupos de mulheres multiétnicos difícil e, por vezes, impossível é a nossa falha de reconhecimento de que um padrão comportamental de uma cultura pode ser inaceitável noutra que pode ter diferentes significados transculturalmente. Aprendi, ao lecionar repetidamente um seminário intitulado "Mulheres do Terceiro Mundo nos Estados Unidos", que é importante aprendermos aquilo a que chamamos os códigos culturais umas das outras. Uma estudante asiático-americana, de descendência japonesa, explicou que sentia hesitação em participar nas organizações feministas devido à tendência das ativistas feministas de falarem depressa, sem pausas, de serem de rápida compreensão e de estarem sempre prontas para responder. Ela tinha sido ensinada a fazer pausas e a pensar antes de falar, para considerar o impacto das suas palavras, uma característica que ela considerava ser particularmente comum nas asiático-americanas. Em várias ocasiões em que estive presente em grupos feministas, ela expressou sentimentos de inadequação. Na nossa aula, aprendemos a permitir as pausas e a apreciá-las. Ao partilharmos este código cultural, criámos uma atmosfera na sala de aula que permitiu diferentes modelos de comunicação. Esta turma em particular era constituída principalmente por mulheres negras. Muitas mulheres brancas queixavam-se de que a atmosfera na sala era "demasiado hostil". Citaram, como exemplo desta hostilidade, o ruído e os confrontos diretos que se ouviam na sala antes do início da aula. Respondemos tentando explicar que o que elas consideravam hostilidade e agressão nós considerávamos provocação lúdica e expressões de afeto pela nossa alegria de estarmos juntas. A nossa tendência de falar alto era vista como uma consequência de estarmos numa sala com muitas pessoas a falar, bem como um antecedente cultural: muitas de nós foram criadas em famílias em que as pessoas individualmente falam alto. As estudantes queixosas, sendo mulheres brancas educadas da classe média, tinham sido ensinadas a identificar o discurso direto e alto com um discurso indignado. Nós explicámos que não identificávamos o discurso alto e franco deste modo e encorajámo-las a que mudassem de código, considerando-o um gesto de afirmação. Assim que mudaram de código, não só começaram a ser mais criativas e alegres nas aulas, mas também aprenderam que o silêncio e o discurso baixo, em algumas culturas, indicam hostilidade e agressão. Ao aprendermos os códigos culturais umas das

outras e a respeitarmos as nossas diferenças, sentimos uma sensação de comunidade, de Sororidade. Respeitar a diversidade não significa uniformidade ou similaridade. (A minha experiência a dar o seminário de "Mulheres de Terceiro Mundo nos Estados Unidos", em São Francisco, enriqueceu profundamente a minha compreensão das diversas origens das mulheres. Agradeço a todas as estudantes que ensinei, especialmente a Betty e a Susan)

Uma das preocupações cruciais neste contexto de aula multirracial era o reconhecimento e a aceitação das nossas diferenças e da medida em que estas determinam a nossa percepção dos outros. Tínhamos de nos lembrar, continuamente, umas às outras que deveríamos valorizar as diferenças, visto muitas de nós terem sido criadas a temê-las. Falávamos sobre a necessidade de reconhecermos que todas sofremos de alguma maneira, mas que nem todas somos oprimidas, nem todas somos oprimidas da mesma forma. Muitas temiam que as suas experiências fossem irrelevantes, porque não eram tão oprimidas nem tão exploradas como as outras. Descobrimos que sentíamos uma maior sensação de unidade quando as pessoas se focavam verdadeiramente nas suas próprias experiências sem as comparar com as das outras de modo competitivo. Uma estudante, Isabel Yrigoyei, escreveu:

Não somos todas igualmente oprimidas. Não temos de ficar contentes com isso. Temos de falar de dentro, das nossas experiências, das nossas opressões – falar da opressão de outra pessoa não é algo de que nos possamos orgulhar. Não devemos falar daquilo que nunca sentimos.

Quando começámos a comunicar tendo por base as experiências individuais, apercebemo-nos de que elas variavam mesmo entre aquelas que tinham os mesmos antecedentes étnicos. Aprendemos que estas diferenças significam que não temos experiências monolíticas que possamos identificar como "experiência chicana"<sup>10</sup>, "experiência negra", etc. Uma chicana que cresça num ambiente rural, numa casa onde se fale espanhol, tem uma experiência de vida diferente da chicana criada numa família falante do inglês, num subúrbio burguês, predominantemente branco, em Nova Jérсия. Estas duas mulheres não sentirão uma solidariedade imediata. Apesar de pertencerem ao mesmo grupo étnico, têm de trabalhar para desenvolver a Sororidade. Ao ver estas diferenças, podemos também lutar contra a tendência de valorizar algumas experiências em detrimento de outras. Poderíamos considerar a chicana falante de espanhol "politicamente mais correta" do que a sua homóloga falante do inglês. Se deixarmos de aceitar passivamente esta tendência adquirida de comparar e julgar, podemos ver valor em cada experiência. Podemos ver também que as nossas experiências diferentes, muitas vezes, significam diferentes necessidades, e que não há uma estratégia ou fórmula para o desenvolvimento de consciência política. Ao traçarmos diferentes estratégias, confirmamos a nossa diversidade, ao mesmo tempo que trabalhamos no sentido da solidariedade. Se queremos desenvolver solidariedade política, as mulheres têm de explorar as diferentes formas de comunicar umas com as outras transculturalmente.

---

<sup>10</sup> Chicana, pessoa que nasceu legalmente nos Estados Unidos da América, mas cujos pais são mexicanos. (N. da T.)

Quando as mulheres de cor procuram aprender umas com as outras e sobre as outras, assumem a responsabilidade de construir a Sororidade. Não precisamos de depender das mulheres brancas para chegar à solidariedade; muitas vezes, as preocupações oportunistas levam-nas por outros caminhos. Podemos criar unidade entre nós mesmas, sendo mulheres antirracistas. Podemos estar unidas pela solidariedade política, no movimento feminista. Podemos restituir à noção de Sororidade o seu verdadeiro significado e valor.

Se formos para além das linhas raciais, a classe é uma divisão política grave entre mulheres. Frequentemente, nas primeiras obras literárias feministas, era sugerido que a classe deixaria de ser tão importante se mais mulheres pobres e da classe trabalhadora se juntassem ao movimento. Este pensamento era um exemplo da negação da existência do privilégio de classe adquirido através da exploração, bem como uma negação da luta de classes. Para que a Sororidade seja construída, as mulheres têm de criticar e repudiar a exploração de classes. A mulher burguesa que leva a "irmã" menos privilegiada a almoçar ou a jantar num restaurante caro pode até reconhecer a classe, mas não estará a repudiar o privilégio de classe – estará a exercê-lo. Vestir roupas em segunda mão e viver numa habitação de baixo custo, num bairro pobre, ao mesmo tempo que compra ações, não é um gesto de solidariedade para com aquelas que são carenciadas ou desfavorecidas. Como acontece com o racismo no movimento feminista, a ênfase colocada na classe tem-se concentrado no estatuto e na mudança individual. Até as mulheres aceitarem a necessidade de redistribuição de riqueza e de recursos nos Estados Unidos e trabalharem para alcançarem este objetivo, não haverá união entre mulheres que vá para além da classe.

É extremamente evidente que, até agora, o movimento feminista contribuiu principalmente para os interesses de classe das mulheres e homens brancos burgueses. A grande maioria das mulheres da classe média que entraram recentemente para a força de trabalho (encorajadas e promovidas pelo movimento feminista) ajudou a fortalecer a economia da década de 70. Na obra *The Two-Paycheck Marriage*, Caroline Bird destaca a forma como as mulheres (a grande maioria era branca) ajudaram a reforçar uma economia em declínio:

As mulheres trabalhadoras ajudaram as famílias a manter o nível de vida durante a inflação. O Departamento de Estatística do Trabalho concluiu que, entre 1973 e 1974, o poder de compra real das famílias em que apenas um membro auferia remuneração caiu 3%, comparado com o 1% das famílias em que a mulher trabalhava... As mulheres, em particular, irão à luta para defender o seu nível de vida quando este se encontra ameaçado.

As mulheres fizeram mais do que manter os níveis. As mulheres trabalhadoras tornaram possível que milhões de famílias subissem para a classe média. O seu salário significava ter uma casa em vez de um apartamento, ou a possibilidade de os filhos irem para a faculdade...

As mulheres trabalhadoras criaram uma nova espécie de rico – e... um novo tipo de pobre.

Passados mais de dez anos, tornou-se evidente que um grande número de mulheres brancas (principalmente as originárias da classe média) se afirmou em muitas profissões e fez progressos económicos individualmente quando o movimento feminista começou a apoiar a carreira. Contudo, as massas de mulheres estão tão pobres como antes, se não mais pobres. Para a "feminista" burguesa, o salário de um milhão de dólares concedido à apresentadora Barbara Walters representa uma vitória para as mulheres. Para as mulheres da classe trabalhadora que ganham menos do que o salário mínimo e recebem poucos ou nenhuns benefícios, significa uma contínua exploração de classe.

A obra *Dreamers and Dealers* de Leah Fritz é um ótimo exemplo da tentativa de uma mulher liberal de encobrir o facto de a base do privilégio de classe ser a exploração, de as mulheres ricas apoiarem e tolerarem essa exploração e de as pessoas que mais sofrem serem as mulheres pobres e desfavorecidas e as crianças. Fritz tenta gerar simpatia por todas as mulheres da classe alta, salientando o seu sofrimento psicológico, a sua vitimização nas mãos dos homens. Acaba o seu capítulo "Rich Women" com a declaração:

O feminismo pertence tanto à mulher rica como à mulher pobre. Pode ajudá-la a compreender que os seus próprios interesses estão associados ao progresso das mulheres; que a dependência do conforto é uma armadilha; que a gaiola dourada também tem barras; e que, quer sejamos ricas ou pobres, todas sofremos nas mãos do patriarcado, apesar de as nossas cicatrizes serem diferentes. A agitação interior que manda uma mulher para um psicanalista pode ser uma fonte de energia para o movimento que por si só a pode curar, através da sua libertação.

Fritz, convenientemente, ignora que o domínio e a exploração são necessários para que haja mulheres ricas que possam ser vítimas de discriminação ou exploração. Ela, convenientemente, ignora a luta de classes.

As mulheres pertencentes às classes mais baixas não tiveram dificuldade em reconhecer que a igualdade social da qual as mulheres que defendiam a libertação falavam equiparava as carreiras e a mobilidade entre classes à libertação. Também sabiam quem iria ser explorado em prol desta libertação. Confrontadas diariamente com a exploração de classes, não podem ignorar convenientemente a luta de classes. Na antologia *Women of Crisis*, Helen, uma mulher branca da classe trabalhadora, que trabalha como doméstica na casa de uma "feminista" branca burguesa, expressa a compreensão da contradição entre retórica e prática feminista:

Eu acho que a senhora tem razão: todos devem ser iguais. Ela diz isto repetidamente. Mas depois põe-me a trabalhar em sua casa, e deixo de ser igual a ela – e ela não quer ser igual a mim; e não a censuro, porque, se eu fosse ela, também guardava o meu dinheiro, como ela. Talvez seja isso que os homens fazem – eles guardam o seu dinheiro. E é uma grande luta, como acontece sempre com dinheiro. Ela deve saber. Ela não anda

por aí a dar cheques chorudos às suas empregadas. Ela é justa; ela relembra-nos várias vezes disso – mas ela não nos vai "libertar", assim como nenhum homem irá "libertar" a sua mulher ou secretária ou outras mulheres que trabalham na sua empresa.

As mulheres que defendem a libertação não só equipararam a dor psicológica à privação material de modo a não enfatizar o privilégio de classes, mas também sugeriram, muitas vezes, que esse seria o problema mais grave. Conseguiram ignorar o facto de muitas mulheres sofrerem psicologicamente e materialmente e de que unicamente por essa razão, a mudança do seu estatuto social merecia mais atenção do que a sua carreira. Seguramente, a mulher burguesa que sofre de forma psíquica tem mais probabilidade de encontrar ajuda do que a mulher que sofre privação de materiais e de dor emocional. Em perspectiva, uma das principais diferenças entre a mulher burguesa e a mulher da classe trabalhadora ou pobre é que esta última sabe que ser discriminada e explorada por ser uma mulher é doloroso e desumano, mas não é necessariamente tão doloroso, desumano ou ameaçador como viver sem comida ou sem abrigo, como passar fome, como estar em estado terminal e não ter cuidados médicos. Se as mulheres pobres tivessem criado o plano para o movimento feminista, teriam decidido que a luta de classes seria uma questão central do feminismo; que tanto as mulheres pobres como as privilegiadas trabalhariam para compreender a estrutura de classes e a forma como esta coloca as mulheres umas contra as outras.

As feministas socialistas declaradas, muitas das quais são brancas, colocaram a ênfase na classe, mas não foram eficazes na mudança de atitudes relativamente à classe no movimento feminista. Apesar de apoiarem o socialismo, os seus valores, os seus comportamentos e o seu estilo de vida continuam a ser marcados pelo privilégio. Não desenvolveram estratégias coletivas para convencer as mulheres burguesas que não têm perspectivas políticas radicais de que a eliminação da opressão de classes é essencial para o fim da opressão sexista. Não trabalharam arduamente para se organizarem com as mulheres pobres ou da classe trabalhadora que podem não se considerar socialistas, mas que se preocupam com a necessidade de redistribuição da riqueza nos Estados Unidos. Não trabalharam para a sensibilização das mulheres coletivamente. Grande parte das suas energias foram gastas a abordar a esquerda masculina branca, a discutir as ligações entre o marxismo e o feminismo ou a explicar a outras ativistas feministas que o feminismo socialista é a melhor estratégia de revolução.\* Frequentemente, a ênfase colocada na luta de classes é considerada, de forma incorreta, a única prioridade das feministas socialistas. Apesar de eu chamar a atenção para o rumo e para as estratégias que elas não utilizaram, quero destacar que estes problemas devem ser abordados por todas as ativistas no movimento feminista. Assim que as mulheres enfrentarem a realidade do classismo e se comprometerem politicamente a eliminá-lo, não voltaremos a ter conflitos de classe tão visíveis no movimento feminista. Até que nos foquemos nas divisões de classes entre mulheres, não conseguiremos construir a solidariedade política.

O sexismo, o racismo e o classismo dividem as mulheres. Dentro do movimento feminista, as divisões e os desacordos sobre a estratégia e a ênfase levaram à formação de vários grupos com variadas posições políticas. A fragmentação em diferentes fações



políticas e grupos de interesses específicos ergueu barreiras desnecessárias à Sororidade que podem ser facilmente eliminadas. Os grupos com interesses específicos levaram as mulheres a acreditar que só as feministas socialistas se deveriam preocupar com a classe; que só as feministas lésbicas se deveriam preocupar com a opressão das lésbicas e dos homens gays; que só as mulheres negras ou outras mulheres de cor se deveriam preocupar com o racismo. Todas as mulheres podem opor-se politicamente ao sexismo, ao racismo, à homofobia e à opressão de classes. Embora possam querer focar-se num determinado problema político ou numa causa em particular, se elas se opuserem firmemente a todas as formas de opressão de grupos, esta perspectiva holística manifestar-se-á no seu trabalho independentemente da particularização. Quando as ativistas feministas se tornarem antirracistas e se opuserem à exploração de classes, não importará se estão presentes mulheres de cor ou mulheres pobres, etc. Estas questões serão consideradas importantes e serão abordadas, embora as mulheres mais afetadas pessoalmente por explorações específicas continuem necessariamente na vanguarda dessas lutas. As mulheres têm de aprender a aceitar a responsabilidade de resistir a opressões que podem não as afetar diretamente a nível pessoal. O movimento feminista, assim como outros movimentos radicais na nossa sociedade, sofre quando as preocupações e as prioridades individuais são a única razão que levam à participação. Quando demonstramos a nossa preocupação pelo coletivo, fortalecemos a nossa solidariedade.

"Solidariedade" foi uma palavra raramente utilizada no movimento feminista contemporâneo. Foi dado mais destaque à ideia de "apoio". "Apoio" significa manter ou defender uma posição que se acredita estar certa. Também pode significar um pilar ou uma base para uma estrutura frágil. Este último significado teve uma maior importância nos círculos feministas. O seu valor surgiu do destaque dado à vitimização partilhada. Ao identificarem-se como "vítimas", as mulheres estavam a reconhecer o seu desamparo e a sua impotência, bem como a necessidade de apoio, neste caso o apoio das suas companheiras ativistas feministas, das suas "irmãs". O apoio estava intimamente relacionado com a noção superficial de Sororidade. Através de um comentário à sua utilização pelas ativistas feministas, no seu ensaio "With All Due Respect", Jane Rule explica:

“Apoio” é uma palavra muito utilizada no movimento das mulheres. Para demasiadas pessoas, significa dar e receber validação não qualificada. Algumas mulheres são muito boas a retirá-lo em momentos cruciais. Muitas delas estão convencidas de que não podem trabalhar sem ele. Este é um conceito falso que criou barreiras à compreensão e provocou verdadeiros danos emocionais. Não é necessário acabar com o julgamento crítico para oferecer verdadeiramente apoio, que tem que ver com o respeito próprio e pelas outras pessoas, mesmo em momentos de grande desacordo.

O legado de ódio entre as mulheres que se arrasam violentamente, brutalmente e verbalmente umas às outras tem de ser eliminado para que as mulheres possam fazer críticas e entrar em desacordo e discussão que sejam construtivos e cuidados, de modo a enriquecer em vez de desvalorizar. O comportamento negativo e agressivo de mulher para

mulher não é desaprendido quando se suspendem todos os julgamentos críticos. É desaprendido quando as mulheres aceitam que somos diferentes, que inevitavelmente iremos entrar em desacordo, mas que podemos discordar e discutir entre nós sem parecer que estamos a lutar pelas nossas vidas, sem sentirmos que perdemos toda a nossa autoestima ao proferirmos críticas verbais abusivas umas das outras. Os desacordos verbais são, muitas vezes, o cenário em que as mulheres podem demonstrar o seu envolvimento na competitividade de ganhar ou perder que é mais frequentemente associada às interações entre os homens, especialmente no desporto. As mulheres, assim como os homens, têm de aprender a dialogar umas com as outras sem competição. Jane Rule sugere que as mulheres podem discordar sem necessitarem de se criticar abusivamente, se perceberem que não perdem valor nem autoestima quando são criticadas: "Ninguém pode desacreditar a minha vida se esta estiver nas minhas mãos e, portanto, não tenho de obrigar ninguém a carregar o falso fardo da minha hostilidade amedrontada".

As mulheres necessitam de se unir em situações em que irá haver desacordo ideológico e de trabalhar para mudar essa interação de forma a que haja comunicação. Isto significa que, quando nós, as mulheres, nos unimos, em vez de fingirmos uma união, reconheceríamos que estamos divididas e que devemos desenvolver estratégias para ultrapassar os medos, os preconceitos, os ressentimentos e a competitividade, etc. Os conflitos negativos violentos que ocorreram nos círculos feministas levaram a que muitas ativistas feministas evitassem a interação individual ou em grupo, em que é mais provável haver desacordo que acabe em confronto. A "segurança" e o "apoio" foram redefinidos, passando a significar confraternização em grupos em que as participantes são idênticas e partilham valores semelhantes. Embora nenhuma mulher queira fazer parte de uma situação em que será aniquilada psiquicamente, as mulheres conseguem enfrentar-se umas às outras em confrontos e lutas hostis e ir além da hostilidade até à compreensão. A expressão de hostilidade como um objetivo em si mesma é uma atividade inútil, mas, quando é o catalisador que nos impulsiona a compreender mais claramente, tem uma função significativa.

As mulheres necessitam de passar pela experiência de trabalhar com a hostilidade para chegarem ao entendimento e à solidariedade, nem que seja para nos libertarmos da sociabilização sexista que nos ensina a evitar o confronto, pois seremos vitimizadas ou destruídas. Inúmeras vezes passei pela experiência de fazer declarações em conferências que indignaram ouvintes e levaram a confrontos verbais assertivos e, por vezes, hostis. A situação parece desconfortável, negativa e pouco produtiva, pois há fúria nas vozes, há lágrimas, etc. e, no entanto, mais tarde, apercebo-me de que a experiência levou a uma maior clareza e a um crescimento da minha parte e da parte da ouvinte. Numa ocasião, fui convidada por uma socióloga negra, uma mulher de fala mansa, a falar numa aula que ela lecionava. Uma jovem chicana, que passaria por branca, era estudante da turma. Tivemos uma discussão acesa quando afirmei que a possibilidade de passar por branca lhe dava uma perspetiva de raça totalmente diferente da daquelas que têm a pele mais escura e que nunca passarão. Afirmei que qualquer pessoa que não tivesse conhecimento da sua etnia provavelmente assumiria que ela era branca e se relacionaria com ela de acordo com isso. Nessa altura, esta sugestão indignou-a. Ficou bastante indignada e

acabou por sair da sala em lágrimas. A professora e as restantes estudantes viram-me como a "má da fita", que não conseguira apoiar uma "irmã" e, em vez disso, a deixara em lágrimas. Ficaram aborrecidas por a nossa reunião não ter sido totalmente agradável, sem emoção e desapaixonada. A situação deixou-me inquestionavelmente infeliz. Contudo, a estudante contactou-me umas semanas mais tarde para partilhar que tinha adquirido uma nova visão e consciência após o nosso encontro, o que ajudou o seu crescimento pessoal. Estes incidentes, que inicialmente parecem unicamente negativos, devido à tensão e à hostilidade, podem levar a um crescimento positivo. Se as mulheres tentarem sempre evitar o confronto, de modo a sentirem-se sempre "seguras", podemos nunca chegar a experienciar uma mudança revolucionária, uma transformação individual ou coletiva.

Quando nós, as mulheres, lutamos ativamente de forma verdadeiramente solidária para compreender as nossas diferenças, para mudar as perspetivas desencaminhadas e distorcidas, criamos a base para a experiência da solidariedade política. Solidariedade não é o mesmo que apoio. Para que possamos experienciar a solidariedade, temos de ter uma comunidade de interesses, crenças partilhadas e objetivos em torno dos quais nos possamos unir e construir a Sororidade. O apoio pode ser ocasional. Pode ser dado e, do mesmo modo, retirado. A solidariedade requer um compromisso constante e contínuo. Se queremos crescer, é necessário que haja diversidade, desacordo e diferença no movimento feminista. Como Grace Lee Boggs e James Boggs destacaram no livro *Revolution and Evolution in the Twentieth Century*:

A mesma valorização dada à realidade da contradição está subjacente ao conceito de crítica e autocrítica. Através da crítica e da autocrítica, os indivíduos unidos pelos mesmos objetivos podem utilizar conscientemente as suas diferenças e limitações, ou seja, o negativo, de forma a acelerar o progresso positivo. A formulação popular deste processo é "transformar uma coisa má numa coisa boa...".

As mulheres não precisam de erradicar as diferenças para sentirem solidariedade. Não precisamos de partilhar uma opressão comum para lutar igualmente pelo fim da opressão. Não precisamos de sentimentos anti-homem para nos unirmos, a riqueza da experiência, da cultura e das ideias que partilhamos umas com as outras é muito grande. Podemos ser irmãs unidas por interesses e crenças, unidas pela nossa valorização da diversidade, unidas na nossa luta pelo fim da opressão sexista, unidas pela solidariedade política.

## 5. HOMENS: CAMARADAS NA LUTA

O feminismo entendido como um movimento que pretende acabar com a opressão sexista permite às mulheres e aos homens, às raparigas e aos rapazes, participarem igualmente na luta revolucionária. Até agora, o movimento feminista contemporâneo tem sido essencialmente um resultado do empenho das mulheres – os homens raramente têm participado. Esta falta de participação não é exclusivamente uma consequência do antifeminismo. Ao tornarem a libertação das mulheres num sinónimo de aquisição de igualdade social das mulheres, as feministas liberais criaram efetivamente uma situação em que elas próprias, não os homens, designaram o movimento feminista "trabalho das mulheres". Mesmo quando atacavam a divisão do trabalho baseada no género, um exemplo do sexismo institucionalizado que atribui às mulheres o trabalho não remunerado, depreciado e "sujo", estavam a atribuir às mulheres mais uma tarefa baseada no género: a realização da revolução feminista. As mulheres que defendiam a libertação chamaram as mulheres a participar no movimento feminista, mas não sublinharam continuamente que os homens deveriam assumir a responsabilidade de lutar ativamente pelo fim da opressão sexista. Segundo elas, os homens eram todo-poderosos, misóginos e opressores – eram o inimigo. As mulheres eram oprimidas – as vítimas. Esta retórica reforçava a ideologia sexista, ao inverterem a noção de conflito básico entre os sexos, implicando que o empoderamento das mulheres se daria à custa dos homens.

Tal como noutras questões, a insistência num movimento feminista "só de mulheres" e a atitude virulenta anti-homem refletia a raça e a classe das participantes. As mulheres brancas burguesas, especialmente as feministas radicais, tinham inveja e raiva dos homens brancos privilegiados por lhes negarem uma quota igual no privilégio de classes. Em parte, o feminismo proporcionava-lhes um fórum público em que podiam expressar a sua indignação, bem como uma plataforma política que podiam utilizar para chamar a atenção para os problemas de igualdade social, para a necessidade de mudança e para o incentivo a reformas específicas. Estavam pouco interessadas em chamar a atenção para o facto de os homens não partilharem um estatuto social comum; de o patriarcado não negar a existência de privilégio ou de exploração de classe e de raça; de que nem todos os homens beneficiam igualmente do sexismo. Não queriam reconhecer que as mulheres brancas burguesas, apesar de serem vítimas de sexismo, têm mais poder e privilégio do que os homens pobres, sem formação e não brancos e têm menos probabilidade de serem exploradas ou oprimidas do que eles. Naquela altura, muitas mulheres brancas que defendiam a libertação não se preocuparam com o destino dos

grupos de homens oprimidos. De acordo com o exercício de privilégio de raça e/ou de classe, elas consideraram que as experiências de vida desses homens não eram merecedoras da sua atenção, descartando-as e, simultaneamente, desviando a atenção do apoio que davam à contínua exploração e opressão. Declarações como "todos os homens são inimigos" ou "todos os homens odeiam as mulheres" englobavam todos os grupos de homens numa só categoria, sugerindo, desta forma, que todos eles exerciam igualmente todas as formas de privilégio masculino. Uma das primeiras declarações escritas que se esforça por fazer da atitude anti-homem uma posição feminista central é o "The Redstocking Manifesto". Na cláusula III do manifesto, pode ler-se:

Nós identificamos os homens como agentes na nossa opressão. A supremacia masculina é a forma de domínio mais velha e mais básica. Todas as outras formas de exploração e de opressão (o racismo, o capitalismo, o imperialismo, etc.) são ampliações da supremacia masculina: os homens dominam as mulheres, alguns homens dominam os restantes. Todas as situações de poder ao longo da história têm sido dominadas pelos homens e orientadas para os homens. Os homens controlam todas as instituições políticas, económicas e culturais e mantêm esse controlo através da força física. Utilizaram o seu poder para manter as mulheres em posições inferiores. Todos os homens recebem benefícios económicos, sexuais e psicológicos da supremacia masculina. Todos os homens já oprimiram mulheres.

Estes sentimentos anti-homem distanciaram muitas mulheres pobres ou da classe trabalhadora, particularmente as mulheres não brancas, do movimento feminista. As suas experiências de vida demonstravam que tinham mais em comum com os homens da sua raça e/ou classe do que com as mulheres brancas burguesas. Elas compreendem o sofrimento e as dificuldades que as mulheres enfrentam nas suas comunidades; também compreendem o sofrimento e as dificuldades que os homens enfrentam e têm compaixão deles. Tiveram a experiência de lutar com eles por uma vida melhor. Isto é verdade sobretudo para as mulheres negras. Ao longo da nossa história nos Estados Unidos, as mulheres negras têm partilhado a mesma responsabilidade em todas as lutas pelo fim da opressão racista. Apesar do sexismo, as mulheres negras contribuíram igualmente para a luta antirracista e, muitas vezes, antes do esforço pela libertação negra contemporânea, os homens negros reconheceram esta contribuição. Há laços especiais que unem as pessoas que lutam coletivamente pela libertação. As mulheres e os homens negros uniram-se através destes laços. Conhecem a experiência de solidariedade política. Foi a experiência partilhada de luta pela resistência que levou as mulheres negras a rejeitarem a atitude anti-homem de algumas ativistas feministas. Isto não significava que as mulheres negras não estivessem dispostas a reconhecer a realidade do sexismo por parte dos homens negros. Significava que muitas de nós não acreditavam que combateríamos o sexismo ou o ódio às mulheres atacando os homens negros ou respondendo-lhes na mesma moeda.

As mulheres brancas burguesas não conseguem conceber os laços que se

desenvolveram entre as mulheres e os homens na luta pela libertação e ainda não tiveram a experiência positiva de trabalhar politicamente com os homens. Normalmente, o domínio masculino branco patriarcal desvalorizava a contribuição política feminina. Apesar de o sexismo prevalecer nas comunidades negras, todos consideram o papel das mulheres negras nas instituições sociais, quer seja principal ou secundário, significativo e de valor. Numa entrevista com Claudia Tate, a escritora negra Maya Angelou explicou a sua opinião relativamente aos diferentes papéis que as mulheres negras e brancas desempenham nas suas comunidades:

As mulheres negras e as mulheres brancas estão em posições estranhas nas nossas diferentes comunidades. Nos eventos sociais dos negros, as mulheres negras sempre foram preponderantes. Ou seja, na igreja, é sempre a irmã Hudson, a irmã Thomas e a irmã Wetheringay que mantêm a igreja viva. Em eventos leigos, é sempre a Lottie que cozinha e a Mary que vai à Bonita<sup>11</sup>, onde há uma festa interessante. Do mesmo modo, são as mulheres negras que cuidam das crianças na nossa comunidade. As mulheres brancas estão em posições diferentes nas suas instituições sociais. Os homens brancos, que são, na verdade, os seus pais, os seus maridos, os seus irmãos, os seus filhos, os seus sobrinhos e os seus tios, dizem às mulheres brancas ou insinuam a todo o momento: "Não preciso que administres as minhas instituições. Preciso de ti em lugares específicos e tens de te manter aí – no quarto, na cozinha, no berçário e no pedestal". Isto nunca foi dito às mulheres negras.

Sem o contributo material das mulheres negras, como participantes e líderes, muitas instituições dominadas pelos homens, nas comunidades negras, deixariam de existir; o mesmo não acontece nas comunidades brancas.

Muitas mulheres negras recusaram-se a participar no movimento feminista, pois sentiam que a atitude anti-homem não era uma base sólida para a ação. Estavam convencidas de que a expressão virulenta deste sentimento intensificaria o sexismo, aliado ao antagonismo que já existe entre as mulheres e os homens. Durante anos, as mulheres negras (e alguns homens negros) têm lutado para ultrapassar a tensão e os antagonismos entre as mulheres e os homens negros resultantes do racismo interiorizado (i.e., quando o patriarcado branco sugere que um grupo pode ter sido a causa da opressão de outro). As mulheres negras diziam aos homens negros "não somos inimigos uns dos outros", "temos de resistir à sociabilização que nos ensina a odiarmo-nos a nós mesmos e aos outros". Esta declaração de união entre as mulheres e os homens negros fez parte da luta antirracista. Podia ter feito parte da luta feminista, se as mulheres brancas que defendiam a libertação sublinhassem a necessidade de as mulheres e os homens resistirem à sociabilização que nos ensina a odiarmo-nos e temeremo-nos uns aos outros. Em vez disso, escolheram evidenciar o ódio, especialmente o ódio às mulheres, insinuando que isso não podia ser mudado. Portanto, não podia existir nenhuma solidariedade política

---

<sup>11</sup> Bonita, região pertencente à cidade de San Diego, na Califórnia. (N. da T.)

entre as mulheres e os homens. As mulheres de cor, de várias origens étnicas, bem como as mulheres ativas no movimento gay, não só experienciaram o desenvolvimento da solidariedade entre as mulheres e os homens, como reconheceram o seu valor. Não estavam dispostas a desvalorizar esta ligação através de uma aliança com as mulheres brancas burguesas anti-homem. O encorajamento de uma ligação política entre homens e mulheres para que resistissem radicalmente à opressão sexista teria chamado a atenção para o potencial transformativo do feminismo. A atitude anti-homem era uma perspectiva retrógrada que transformava o feminismo num movimento que permitiria às mulheres brancas usurparem o poder dos homens brancos, substituindo o domínio da supremacia branca masculina pelo domínio da supremacia branca feminina.

Dentro das organizações feministas, inicialmente, o problema do separatismo feminino foi separado da atitude anti-homem; só à medida que o movimento progrediu é que as duas perspectivas se fundiram. Foram formados muitos grupos de segregação sexual compostos só por mulheres, porque as mulheres reconheceram que a organização separatista poderia acelerar a sensibilização das mulheres, preparar o terreno para o desenvolvimento de solidariedade entre mulheres e, em geral, fazer avançar o movimento. Acreditava-se que os grupos mistos ficariam presos aos surtos de poder masculino. Os grupos separatistas eram vistos como uma estratégia necessária, não como uma maneira de atacar os homens. No final de contas, o propósito destes grupos era a integração baseada na igualdade. As implicações positivas da organização separatista foram desvalorizadas quando as feministas radicais, como Ti Grace Atkinson, propuseram que o separatismo sexual fosse o objetivo principal do movimento feminista. O separatismo retrógrado teve origem na convicção de que a supremacia masculina é um aspeto absoluto da nossa cultura, de que as mulheres só têm duas alternativas: aceitarem ou retirarem-se e formarem subculturas. Esta posição eliminaria a necessidade de uma luta revolucionária e não seria, de forma alguma, uma ameaça para o *status quo*. No ensaio "Separate to Integrate," Barbara Leon frisa que a supremacia masculina preferia que o movimento feminista se mantivesse "separado e desigual". Ela dá o exemplo do esforço da maestrina Antonia Brico para mudar de uma orquestra feminina para uma orquestra mista, tendo descoberto que não teria apoio para esta última:

Os esforços de Antonia Brico eram aceitáveis desde que ela se limitasse a provar que as mulheres eram músicas qualificadas. Não teve qualquer problema em encontrar 100 mulheres que tocassem numa orquestra ou em obter apoio financeiro para o fazer. Mas encontrar apoio para os homens e as mulheres tocarem juntos numa orquestra verdadeiramente integrada revelou-se impossível. A luta pela integração revelou-se uma maior ameaça para a supremacia masculina e, portanto, mais difícil de atingir.

Neste momento, o movimento das mulheres está na mesma situação. Podemos ir pelo caminho mais fácil e aceitar a segregação, mas isso significaria perder os objetivos pelos quais se formou o movimento. O separatismo retrógrado tem detido o avanço do feminismo.

Ao longo do movimento feminista contemporâneo, o separatismo retrógrado levou muitas mulheres a abandonarem a luta feminista, no entanto, continua a ser um modelo para a organização feminista, como acontece, por exemplo, nos grupos autônomos de mulheres dentro do movimento pela paz. Como política, o separatismo ajudou a marginalizar a luta feminista, a torná-la numa solução pessoal para os problemas individuais, sobretudo os problemas com os homens, em vez de num movimento político com o objetivo de transformar a sociedade num todo. Para que a ênfase do feminismo seja novamente colocada na luta revolucionária, as mulheres não podem permitir que o feminismo seja outra área da contínua expressão do antagonismo entre os sexos. Chegou a altura de as mulheres ativas no movimento feminista desenvolverem novas estratégias para inclusão dos homens na luta contra o sexismo.

Todos os homens apoiam e perpetuam o sexismo e a opressão sexista, seja de que forma for. É fundamental que as ativistas feministas não fiquem presas à intensa sensibilização deste facto de tal forma que deixemos de frisar o ponto menos destacado: os homens podem viver vidas significativas e positivas sem explorar nem oprimir as mulheres. Tal como as mulheres, os homens foram sociabilizados para aceitar passivamente a ideologia sexista. Embora não sejam os culpados da sua aceitação do sexismo, têm a responsabilidade de o eliminar. As mulheres ativistas que promovem o separatismo como objetivo do movimento feminista ficam indignadas quando a ênfase é colocada na vitimização que os homens sofrem devido ao sexismo; apegam-se à versão da realidade em que "todos os homens são inimigos". Os homens não são explorados nem oprimidos pelo sexismo, mas, de alguma maneira, também sofrem por sua causa. Este sofrimento não deve ser ignorado. Embora isso não desvalorize, de modo algum, a gravidade do abuso por parte dos homens e a opressão das mulheres ou negue a responsabilidade dos homens pelas ações abusivas, a dor que os homens experienciam pode servir de catalisador chamando a atenção para a necessidade de mudança. O reconhecimento das consequências dolorosas do sexismo nas suas vidas pode levar os homens a criar grupos de sensibilização para a análise deste problema. Paul Hornacek explica o propósito destes encontros no seu ensaio "Anti-Sexist Consciousness-Raising Groups for Men":

Os homens apresentaram uma grande diversidade de razões para procurarem grupos de sensibilização, tendo todas elas uma ligação intrínseca ao movimento feminista. Muitos deles sofrem a nível emocional, devido ao papel que têm de desempenhar como homens e estão descontentes com isso. Muitos foram confrontados por feministas radicais em encontros públicos ou privados e foram criticados várias vezes por serem sexistas. Alguns uniram-se como resultado do seu compromisso de mudança social e do seu reconhecimento de que o sexismo e o patriarcado eram elementos de um sistema social intolerável que precisava de ser alterado...

Hornacek descreve que os homens destes grupos de sensibilização reconhecem que são beneficiados pelo patriarcado e, no entanto, também são prejudicados por este. Os grupos de homens, assim como os grupos de apoio das mulheres, correm o risco de sobrevalorizar



a mudança pessoal à custa da análise e da luta política.

A ideologia separatista encoraja as mulheres a ignorarem o impacto negativo que o sexismo tem nos homens como pessoas. Acentua a polarização entre os sexos. Segundo Joy Justice, as separatistas acreditam que existem "duas perspetivas básicas" relativamente ao problema de nomear as vítimas do sexismo: "Há a perspetiva de que os homens oprimem as mulheres. E há a perspetiva de que as pessoas são pessoas, e que todos sofremos com a divisão rígida dos sexos". Muitas separatistas consideram que a última perspetiva é um sinal de cooptação e que as mulheres se recusam a confrontar o facto de o homem ser o inimigo –insistem na primazia da primeira perspetiva. Ambas as perspetivas descrevem corretamente o nosso dilema. Os homens oprimem realmente as mulheres. As pessoas sofrem realmente com a estipulação inflexível dos papéis baseados no género. Estas duas realidades coexistem. A opressão das mulheres pelos homens não pode ser desculpada pelo reconhecimento de que os homens também podem ser magoados pelos papéis rígidos dos sexos. As ativistas feministas deveriam reconhecer essa dor – ela existe. No entanto, esta não elimina ou diminui a responsabilidade que os homens têm no apoio e na perpetuação, dentro do patriarcado, do seu poder de explorar e de oprimir as mulheres, de forma muito mais severa do que o desgaste psicológico ou a dor emocional que os homens sofrem devido à sua conformidade com os papéis rígidos baseados no género.

As mulheres ativas no movimento feminista não queriam, de modo algum, dar destaque à dor dos homens, para não desviarem a atenção do privilégio masculino. A retórica feminista separatista indicava que todos os homens partilhavam igualmente o privilégio masculino, que todos os homens auferiam benefícios positivos do sexismo. No entanto, o homem pobre ou da classe trabalhadora que foi sociabilizado pela ideologia sexista a acreditar que há privilégios e poderes que ele deve possuir unicamente por ser homem descobre, muitas vezes, que poucos ou nenhuns desses benefícios lhe são atribuídos automaticamente na sua vida. Mais do que qualquer outro grupo nos Estados Unidos, ele está constantemente preocupado com a contradição entre a ideia de masculinidade que lhe é ensinada e a sua incapacidade de estar à altura dessa ideia. Geralmente, ele é "magoado", marcado emocionalmente, pois não tem o privilégio ou o poder que a sociedade afirma que os "homens a sério" devem ter. Ao ser distanciado e ficar frustrado e irritado, o homem pode atacar, maltratar ou oprimir uma mulher individual ou as mulheres em geral, mas não estará a auferir benefícios positivos do seu apoio e da sua perpetuação da ideologia sexista. Quando bate numa mulher ou a viola, não está a exercer o privilégio ou a auferir recompensas positivas; pode ficar satisfeito por exercer a única forma de domínio que lhe é permitida. A estrutura do poder masculino da classe dominante que incentiva o abuso sexista das mulheres auferem os verdadeiros benefícios materiais e privilégios das suas ações. Enquanto continuar a atacar as mulheres e não o sexismo ou o capitalismo, ele ajuda a preservar o sistema que lhe traz poucos, ou nenhuns, benefícios e privilégios. Ele é um opressor. Ele é um inimigo das mulheres. Ele é um inimigo dele mesmo. Ele também é oprimido. O seu abuso das mulheres não é justificável. Apesar de ter sido sociabilizado para agir como age, há movimentos sociais que lhe permitiriam lutar no sentido da autorrecuperação e da libertação. Ao ignorar estes movimentos, ele escolhe continuar a ser tanto opressor como oprimido. Se o movimento

feminista ignorar o seu dilema, desvalorizar a sua dor ou o desprezar como outro inimigo masculino, então estará a perdoar passivamente as suas ações.

O processo que leva os homens a agirem como opressores e a serem oprimidos é particularmente visível nas comunidades negras, em que os homens são pobres e pertencem à classe trabalhadora. No seu ensaio "Notes For Yet Another Paper on Black Feminism, or Will The Real Enemy Please Stand Up?", a ativista feminista negra Barbara Smith indica que as mulheres negras não estão dispostas a enfrentar o problema da opressão sexista nas comunidades negras:

Ao designar a opressão sexista como um problema, teríamos de identificar como ameaçador um grupo que até à data considerávamos ser nosso aliado – os homens negros. Este parece ser um dos principais obstáculos ao início da análise das relações sexuais / políticas sexuais das nossas vidas. A expressão "os homens não são o inimigo" desvaloriza o feminismo e a realidade do patriarcado de uma só vez, e ignora, também, algumas das principais realidades. Se não pudermos preservar a ideia de que alguns homens são o inimigo, especialmente os homens brancos e, de certo modo, os homens negros também, então nunca compreenderemos as razões pelas quais, por exemplo, somos espancadas todos os dias, somos esterilizadas contra a nossa vontade, somos violadas pelos nosso vizinhos, ficamos grávidas aos doze anos e ficamos em casa, a receber o subsídio social, com mais crianças do que aquelas que conseguimos sustentar e cuidar. O reconhecimento do sexismo por parte dos homens negros não significa que tenhamos "ódio aos homens" ou que os excluamos obrigatoriamente das nossas vidas. Significa que temos de lutar com eles por uma base de interação diferente.

As mulheres pertencentes às comunidades negras têm-se mostrado reticentes em discutir publicamente a opressão sexista, no entanto sempre souberam da sua existência. Nós também fomos sociabilizadas para aceitar a ideologia sexista e muitas mulheres negras sentem que o abuso das mulheres por parte dos homens negros reflete a masculinidade frustrada – tais pensamentos levam a acreditar que este abuso é compreensível e justificado. A grande maioria das mulheres negras acha que apenas declarar publicamente que estes homens são o inimigo ou identificá-los como opressores pouco mudaria a situação; temem que isso origine simplesmente uma maior vitimização. A denúncia das realidades opressivas, por si só, não provocou os tipos de mudanças nos grupos oprimidos que provocaria nos grupos mais privilegiados, que exigem um tipo de atenção diferente. A denúncia pública do sexismo, regra geral, não tem dado origem à violência institucionalizada que caracterizou, por exemplo, a resposta às lutas pelos direitos civis dos negros. (Contudo, a denúncia privada é recebida com opressão violenta). Não foi por não conseguirem enfrentar a realidade da opressão sexista que as mulheres negras não aderiram ao movimento feminista; elas enfrentam-na diariamente. Elas não aderiram ao movimento feminista porque não veem soluções possíveis na teoria e prática feministas, sobretudo nas obras disponibilizadas às massas.

Até agora, a retórica feminista que identificava os homens como sendo o inimigo

teve pouco impacto positivo. Se as ativistas feministas tivessem chamado a atenção para as relações entre os homens da classe dominante e a grande maioria dos homens, que são socializados para perpetuar e preservar o sexismo e a opressão sexista, mesmo não auferindo benefícios positivos, estes homens poderiam ter motivação para analisar o impacto do sexismo nas suas vidas. Muitas vezes, as ativistas feministas falam do abuso das mulheres por parte dos homens como se fosse um exercício do seu privilégio, em vez de uma expressão de falência moral, de loucura e de desumanização. Por exemplo, no ensaio de Barbara Smith, ela identifica os homens brancos como "o principal grupo opressor na sociedade americana" e discute o caráter do seu domínio sobre os outros. No fim de uma passagem em que é feita esta afirmação, ela comenta: "Não são só os capitalistas ricos e poderosos que inibem e destroem a vida. Os violadores, os assassinos, os linchadores e os extremistas comuns também exercem um poder muito real e violento, devido a este privilégio masculino branco." Está implícito nesta afirmação o pressuposto de que cometer um crime violento contra a mulher é um gesto ou uma afirmação de privilégio. A ideologia sexista faz uma lavagem cerebral aos homens, levando-os a acreditar que os abusos violentos contra as mulheres são vantajosos, quando não são. No entanto, as ativistas feministas consideravam isto lógico quando deveriam chamar a estes atos relações de poder perversas, falta de controlo geral sobre as suas próprias ações, impotência emocional, irracionalidade extrema e, em muitos casos, insanidade total. A assimilação passiva masculina da ideologia sexista permite aos homens interpretar este comportamento conturbado de forma positiva. Enquanto a lavagem cerebral feita aos homens os levar a equiparar o abuso violento das mulheres ao privilégio, eles não compreenderão o mal feito a eles mesmos ou o mal que fazem aos outros e não terão motivação para mudar.

Os indivíduos que estão empenhados no movimento feminista têm de abordar formas de fazer os homens desaprender o sexismo. No movimento feminista, as mulheres nunca foram encorajadas a mostrar aos homens a sua responsabilidade. Algumas retóricas feministas "sufocaram", a todos os níveis, as mulheres que se identificavam com os homens. A maioria das mulheres que defendiam a libertação dizia "as mulheres cuidaram, ajudaram e apoiaram os outros durante demasiado tempo – agora temos de cuidar de nós mesmas". Devido à ajuda e ao apoio que deram aos homens, durante séculos, ao serem cúmplices do sexismo, subitamente as mulheres foram encorajadas a retirar o seu apoio quando chegavam à questão da "libertação". A insistência em concentrar a ênfase no individualismo, na primazia do "eu", considerada "libertadora" pelas mulheres que defendiam a libertação, não era um conceito visionário e radical de liberdade. Contudo, ofereceu soluções individuais para as mulheres. Era a mesma ideia de independência perpetuada pelo estado patriarcal imperial que equipara a independência ao narcisismo e à falta de preocupação com a vitória sobre os outros. Deste modo, as mulheres ativas no movimento feminista estavam simplesmente a inverter a ideologia dominante na cultura – não estavam a atacá-la. Não apresentavam alternativas concretas ao *status quo*. Na verdade, até a declaração "os homens são o inimigo" era essencialmente uma inversão da doutrina de supremacia masculina "as mulheres são o inimigo" – a antiga versão da realidade Adão e Eva.

Em retrospectiva, é evidente que, ao colocar a ênfase no "homem como inimigo",

desviavam a atenção da necessidade de melhorar as relações entre as mulheres e os homens, das formas de os homens e as mulheres trabalharem em conjunto para desaprender o sexismo. As mulheres burguesas ativas no movimento feminista exploraram a ideia de uma divisão natural dos sexos de modo a chamar a atenção para o empenho na igualdade de direitos. Investiram imenso na representação do homem como inimigo e da mulher como vítima. Eram o grupo de mulheres que poderia desvalorizar a sua ligação com os homens, assim que tivessem uma quota igual no privilégio de classes. Estavam mais preocupadas com a aquisição de uma quota igual no privilégio de classes do que em lutar pela eliminação do sexismo e da opressão sexista. A insistência em separarem-se dos homens intensificou-se de tal modo que elas, mulheres sem homens, precisavam de igualdade de oportunidade. A maioria das mulheres não tem a liberdade de se separar dos homens, devido à interdependência económica. A ideia separatista de que as mulheres poderiam resistir ao sexismo através do afastamento dos homens correspondia a uma perspetiva da classe burguesa. No ensaio de Cathy McCandless "Some Thoughts About Racism, Classism, and Separatism", esta indica que o separatismo é, de muitas maneiras, uma questão falsa, pois "dentro da economia capitalista, nenhum de nós está verdadeiramente separado". Contudo, ela acrescenta:

Socialmente, é um assunto totalmente diferente. Quanto mais rico se é, menos se tem de reconhecer que se depende dos outros. O dinheiro pode comprar muita distância. Com o suficiente, é possível nunca pôr os olhos num homem. Ter o controlo sobre quem vemos é um luxo extraordinário, mas convenhamos: a sobrevivência diária da maioria das mulheres ainda envolve o contacto cara-a-cara com os homens, quer lhes agrade ou não. É por esta razão que criticar as mulheres que se associam aos homens não só tende a ser contraproducente, mas chega quase a culpar a vítima. Em particular se as mulheres que tomaram a decisão de fazer as regras forem brancas e pertencerem à classe média e alta (como tem vindo a ser o caso, na minha experiência) e aquelas a quem estas regras se aplicam não o forem.

A desvalorização das verdadeiras necessidades da vida que obrigam as mulheres a manter o contacto com os homens, bem como o não respeito pelo desejo que as mulheres têm de manter esse contacto, criou um conflito de interesses desnecessário para aquelas mulheres que poderiam estar interessadas no feminismo, mas sentiam que não conseguiriam viver de acordo com os padrões politicamente corretos.

As obras feministas não diziam o suficiente sobre a forma como a mulher se poderia envolver na luta feminista através do contacto subtil diário com os homens, apesar de terem passado por crises. O feminismo tem importância política para as mulheres em geral que diariamente interagem com os homens, tanto em público, com em privado, se abordar a forma como a interação, que geralmente tem componentes negativos devido ao carácter generalizado do sexismo, pode ser mudada. As mulheres que diariamente estão em contacto com homens necessitam de estratégias úteis que possibilitem a integração do movimento feminista no seu quotidiano. Ao abordar inadequadamente ou ao não abordar

de todo as questões mais difíceis, o movimento feminista contemporâneo inseria-se na periferia da sociedade e não no centro. Muitas mulheres e homens acham que o feminismo está a acontecer ou aconteceu "lá fora". A televisão diz-lhes que a mulher "libertada" é uma exceção, que ela é predominantemente uma mulher profissional. Anúncios publicitários como aquele em que aparece uma mulher branca profissional a trocar da roupa de trabalho para uma roupa fina que expõe o corpo, enquanto canta "Eu ponho a comida na mesa, preparo-a e nunca deixo que te esqueças que és um homem"<sup>12</sup>, reafirmam que a profissão dela nunca a impedirá de assumir o papel estereotipado de objeto sexual atribuído às mulheres numa sociedade de supremacia masculina.

Muitas vezes, os homens que alegam apoiar a libertação das mulheres fazem-no porque acreditam que irão beneficiar com o fim dos papéis baseados no género, específicos e rígidos, que consideram negativos ou restritos. O papel que estão mais interessados em mudar é o de sustento económico. Os anúncios publicitários, como o descrito acima, garantem aos homens que as mulheres também podem ganhar o pão ou, até mesmo, ser "o" ganha-pão, permitem-lhes, porém, continuar a dominá-las. O ensaio de Carol Hanisch, "Men's Liberation", analisa a tentativa destes homens de explorarem os problemas das mulheres para o seu próprio benefício, mais especificamente os problemas relacionados com o trabalho:

Outro grande problema é a tentativa dos homens de deixarem a força de trabalho e obrigarem as suas mulheres a sustentarem-nos. Os homens não gostam dos seus trabalhos, não gostam desta competição e não gostam de ter chefes. Esta é realmente a razão do queixume por ser um "símbolo de sucesso" ou um "objeto de sucesso". Bem, as mulheres também não gostam deste tipo de coisas, sobretudo porque recebem 40% menos do que os homens, porque geralmente têm trabalhos mais monótonos e até porque raramente lhes é permitido ser "bem-sucedidas". Mas, normalmente, para as mulheres, o trabalho é a única maneira de obterem alguma igualdade e poder dentro da família e alguma independência na sua relação com os homens. O homem pode desistir do trabalho e, de certo modo, continuar a ser o chefe do lar, ganhando muito tempo livre, uma vez que o trabalho que realiza não chega nem perto daquele que a sua mulher ou companheira faz. Na maioria dos casos, ela continua a fazer a sua parte do trabalho doméstico, além do trabalho de esposa e do seu emprego. Em vez de tentar melhorar o seu emprego, de acabar com a competição e de se livrar dos patrões, ele manda a mulher trabalhar – não é muito diferente da antiga prática de pagar um substituto para a conscrição obrigatória ou, até, de ser chulo. Tudo em nome do desmantelamento dos "papéis estereotipados" ou de disparates parecidos.

Este "movimento pela libertação do homem" só poderia ser formado em resposta à libertação da mulher, numa tentativa de que o movimento feminista servisse os interesses

---

<sup>12</sup> No original, "I can bring home the bacon, fry it up in the pan, and never let you forget you're a man" (N. da T.)

oportunistas individuais dos homens. Estes homens identificavam-se a eles próprios como vítimas do sexismo a trabalhar pela libertação dos homens. Identificavam os papéis inflexíveis baseados no género como a principal causa da vitimização e achavam que queriam mudar a ideia de masculinidade, não estando particularmente preocupados com a exploração e a opressão sexista das mulheres. O narcisismo e a autopiedade em geral eram características dos grupos pela libertação do homem. Hanisch conclui o seu ensaio com a declaração:

As mulheres não querem fingir-se de fracas e passivas. E nós, como mulheres, não queremos homens falsos, fracos e passivos, assim como não queremos super-homens falsos, cheios de valentia e mais nada. As mulheres querem é que os homens sejam honestos. As mulheres querem que os homens sejam ousados – ousadamente honestos e agressivos nas suas procuras humanas. Ousadamente apaixonados, sexuais e sensuais. E as mulheres querem isto para si mesmas. Está na altura de os homens se tornarem ousadamente radicais. Ousando ir à origem da sua própria exploração e perceber que não são as mulheres ou os "papéis baseados no género" ou a "sociedade" a causa da sua infelicidade, mas os capitalistas e o capitalismo. Está na altura de os homens os denunciarem e de lutarem contra estes, os seus verdadeiros exploradores.

Os homens que se atreveram a ser honestos em relação ao sexismo e à opressão sexista, que escolheram assumir a responsabilidade pela oposição e pela resistência a estes, veem-se, muitas vezes, isolados. As suas políticas são desprezadas pelos homens e mulheres antifeministas e, muitas vezes, ignoradas pelas mulheres ativas no movimento feminista. Escrevendo sobre o seu esforço por apoiar publicamente o feminismo num jornal local, em Santa Cruz, Morris Conerly explica:

Numa conversa num grupo de homens, o tema da Libertação da Mulher irá ser mencionado inevitavelmente. Seguem-se algumas gargalhadas, risos entredentes, murmúrios zangados. Há um consenso geral de que os homens estão numa posição de batalha e que têm de cerrar fileiras contra os ataques das mulheres desorientadas. Sem falha, alguém me pergunta qual a minha opinião, que é ser 100% a favor da Libertação da Mulher. Isto deixa-os perdidos e começam a olhar para mim como se eu tivesse as sobranceiras carregadas de piolhos.

Ficam a pensar "Que tipo de homem é ele?". Sou um homem negro que compreende que as mulheres não são o inimigo. Se eu fosse um homem branco no poder, perceberiam a razão pela qual eu defenderia o *status quo*. Mesmo se este fosse o caso, a defesa de uma doutrina moralmente falida que explora e oprime os outros seria injustificável.

Conerly salienta que não foi fácil para ele apoiar publicamente o movimento feminista, que levou o seu tempo:

Porque é que levou o seu tempo? Porque eu tinha medo das reações negativas que resultariam do meu apoio à Libertação da Mulher. Conseguia ouvi-las na minha mente, vindas de irmãos e irmãs. "Que tipo de homem és tu?", "Quem é que veste as calças?", "Porque apoias essa porcaria que os brancos dizem?" E assim por diante. Claro que fui atacado algumas vezes, como tinha previsto, mas nessa altura a minha crença era suficientemente convicta para resistir ao desprezo público.

Com o crescimento vem sempre a dor... e, inevitavelmente, foi isso que me aconteceu.

Os homens ativos na luta contra o sexismo têm um lugar no movimento feminista. São nossos camaradas. As feministas reconheceram e apoiaram o trabalho de homens que se responsabilizavam pela opressão sexista – o trabalho que os homens realizaram com os agressores, por exemplo. As mulheres que defendem a libertação e que não veem valor nesta participação têm de repensar e de reanalisar o processo que faz avançar a luta revolucionária. Os homens individuais tendem a envolver-se no movimento feminista devido à dor causada pelas suas relações com as mulheres. Normalmente, uma amiga ou uma companheira chama a atenção para o apoio que ele dá à supremacia masculina. Jon Snodgrass introduz o livro que editou, *A Book of Readings: For Men Against Sexism*, dizendo aos leitores:

Embora houvesse aspetos da libertação da mulher que apelassem aos homens, em geral, a minha reação foi típica de um homem. Senti-me ameaçado pelo movimento e respondi com indignação e escárnio. Eu acreditava que tanto os homens como as mulheres eram oprimidos pelo capitalismo, mas que as mulheres não eram oprimidas pelos homens. Alegava que "os homens também são oprimidos" e que são os trabalhadores que precisam de libertação! Não conseguia reconhecer a hierarquia da desigualdade entre homens e mulheres (da classe trabalhadora), nem atribuir isso ao domínio masculino. Agora, penso que a minha cegueira patriarcal era uma função do meu privilégio masculino. Como membro do género masculino, ou ignorava ou suprimia a libertação da mulher.

A minha introdução plena no movimento das mulheres surgiu através de uma relação pessoal... À medida que a nossa relação se desenvolvia, comecei a ser criticado repetidamente por ser sexista. No início, respondia com indignação e negação, parte da reação masculina. Contudo, com o tempo, comecei a aceitar a veracidade da acusação e, por fim, acabei por reconhecer o meu sexismo quando negava as acusações.

Snodgrass participou em grupos de sensibilização masculinos e editou um livro em 1977. No final da década de 70, o interesse nos grupos anti-sexismo masculinos declinou. Apesar de cada vez mais homens apoiarem a ideia de igualdade social das mulheres, tal como as mulheres, eles não veem este apoio como sinónimo do empenho para acabar com a opressão sexista, do movimento feminista que transformaria radicalmente a sociedade.

Os homens que apoiam o feminismo como um movimento pelo fim da opressão sexista têm de exprimir publicamente a sua oposição ao sexismo e à opressão sexista. Até que os homens partilhem a mesma responsabilidade pela luta pelo fim do sexismo, o movimento feminista irá refletir exatamente as mesmas contradições que queremos erradicar.

A ideologia separatista encoraja a crença de que só as mulheres poderão fazer a revolução feminista – isso seria impossível. Uma vez que são os homens os principais agentes da preservação e do apoio ao sexismo e à opressão sexista, estes só podem ser verdadeiramente erradicados se os homens se sentirem na obrigação de assumir a responsabilidade pela transformação da sua consciência e da consciência da sociedade como um todo. Após séculos de luta antirracista, cada vez mais pessoas não brancas chamam a atenção para o papel fundamental que os brancos devem desempenhar na luta antirracista. O mesmo acontece na luta pela erradicação do sexismo, em que os homens têm um papel fundamental a desempenhar. Isto não significa que estejam mais bem preparados para liderar o movimento feminista; significa que devem participar igualmente na luta pela resistência. Nomeadamente, podem contribuir tremendamente para a luta feminista ao exporem, confrontarem, impedirem e transformarem o sexismo dos seus companheiros masculinos. Quando os homens demonstram vontade de assumir igual responsabilidade pela luta feminista, desempenhando quaisquer tarefas necessárias, as mulheres devem confirmar o seu trabalho revolucionário através do reconhecimento dos homens como seus camaradas na luta.